INQUÉRITO

"Canábis não é um medicamento", alerta Nelson Carvalho

Inquérito indica o tratamento de depressão ou ansiedade como um dos principais motivos para o consumo. Diretor da UCAD considera "preocupante e perigoso" e reforça que a canábis "não cura nenhuma doença".

FOTO SEASTOCK

Por ***Marco Milho***
mmilho@jm-madeira.pt

Um estudo europeu, cujas conclusões foram divulgadas este mês, mostra que reduzir o stress e relaxar, melhorar o sono, e tratar a depressão ou ansiedade estão entre os principais motivos indicados pelos consumidores para recorrerem a esta droga. Um "mito", descreve Nelson Carvalho, diretor da UCAD – Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências, que realça a importância de explicar à população que "a canábis não é nenhum antidepressivo ou ansiolítico".

"Canábis em Portugal: Inquérito Online Europeu sobre Drogas 2021", uma iniciativa do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, recolheu vários dados sobre os padrões de utilização, tendo participado, em Portugal, 3.188 consumidores – cerca de 22 a 23 pessoas residentes na Madeira responderam a este questionário, o que representa 1% do total de inquiridos.

Questionados sobre os motivos para consumir canábis, 84% diz que o faz para reduzir o stress ou relaxar. O fator recreativo – para ficar com a "moca" ou para se divertir – surge apenas no segundo lugar, com 60%. Melhorar o sono é o terceiro motivo mais apontado (52%), seguindo-se a tentativa de tratar a depressão ou ansiedade (40%). Socializar (36%), melhorar o desempenho na escola, trabalho ou desporto (21%), reduzir a dor ou inflamação (15%), ou puramente para experimentar (3%) são outros motivos mencionados.

Para Nelson Carvalho, todavia, o facto de 40% dos inquiridos apontar o tratamento da depressão ou ansiedade como motivo é "preocupante e perigoso". Isto porque, sublinha, "a canábis é uma droga ilícita, portanto, não é nenhum antidepressivo ou ansiolítico".

"Sabemos que o consumo de canábis pode provocar ataques de pânico, pode estar associado ao aparecimento dos primeiros episódios psicóticos, o que depois pode gerar esquizofrenias", alerta o psicólogo clínico, acrescentando que "quando consumida na adolescência, [a canábis] pode provocar o aparecimento de depressões na vida adulta".

O responsável pela UCAD realça, por isso, que "a canábis não é um medicamento". "O que há é a utilização de fármacos derivados da canábis, cuja utilização não é para tratar a depressão ou ansiedade. E são sempre medicamentos de segunda a terceira linha, que só têm quatro ou cinco indicações terapêuticas para alívio de sintomas. A canábis não cura nenhuma doença", reforça.

O inquérito conclui também que 75% dos consumidores de canábis "concorda completamente" que o seu consumo devia ser legal, enquanto quase 25% "concorda em grande medida". Porém, Nelson Carvalho diz que a maior parte da população portuguesa "é contra" a legalização da canábis.

"É importante esclarecer, porque isto vem dar azo a mitos, a uma baixa perceção de risco, e as pessoas acham que consumir um charro é terapêutico", aponta. "Se as pessoas quiserem dormir bem, se têm alguma patologia como depressão ou ansiedade, devem dirigir-se ao seu médico assistente – porque existe psicoterapia, existe farmacoterapia para o efeito – e não recorrer ao consumo de canábis."

Madeira com a mais baixa prevalência de consumo aos 18 anos

O diretor da UCAD aponta também a um estudo, com dados referentes a 2019, que indica que a Madeira tem a mais baixa prevalência de consumo aos 18 anos.
De acordo com os dados apresentados, 25,2% dos jovens com 18 anos em 2019 já tinham experimentado canábis pelo menos uma vez. No total nacional, a média ascendia aos 33%.

Em relação à prevalência no último ano anterior à realização do estudo, 20% dos jovens aos 18 anos na Madeira tinha consumido canábis, ao passo que a média no país era de 26,9%.
Por fim, 11% dos jovens na Madeira aos 18 anos tinha consumido canábis no mês anterior, aquando da realização do inquérito.

Neste aspeto, a média nacional era de 16,4%. "São valores diferentes, muito mais baixos na Madeira", vinca Nelson Carvalho, acrescentando que "pode dizer-se que esta tendência tem-se mantido desde 2015, portanto a Madeira tem sido sempre a região com mais baixa prevalência aos 18 anos de consumo da canábis nestes três indicadores".